

ISSN 0101-3335

LETRAS DE HOJE

N.º 86

DEZEMBRO DE 1991

LETRAS DE HOJE

PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras
Centro de Estudos de Língua Portuguesa

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua
portuguesa

Número monográfico dedicado a

IMPLICAÇÕES DA PSICOLINGÜÍSTICA NOS
PROCESSOS DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DO
CÓDIGO ESCRITO

organizado por

JOSÉ MARCELINO POERSCH

CENTRO DE PESQUISAS LINGÜÍSTICAS

PUCRS

EXPEDIENTE

LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

Administração:

Avenida Ipiranga, 6681

Caixa Postal 1429

90620 Porto Alegre - RS Brasil

Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras / Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e FAPERGS.

Diretor:

Prof. Ir. Elvo Clemente

Assessoria Editorial:

Maria Eunice Moreira

Composição e Arte Final

ARTLINE

Consultoria e Sistemas de Informática

Impressão:

Gráfica EPECÊ

Conselho Editorial:

Para assuntos lingüísticos: Augustinho Staub, José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral, Leci Borges Barbisan, Feryal Yavas e Mehmet Yavas.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, Petrona Domínguez de Rodrigues Pasqués e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignácio Antônio Neis e Urbano Zilles.

A Revista aceita contribuição de sua especialização.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A Revista aceita trocas.

On demande l'échange.

We ask exchange.

Preço da assinatura:

- 4 números anuais:

Brasil: Cr\$ 6.000,00

Exterior: US\$ 10

- Número avulso: Cr\$ 2.000,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da EDIPUCRS.

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90610 - Porto Alegre - RS - Brasil

SUMÁRIO

José Marcelino Poersch

Apresentação: O conhecimento do código escrito como fator de promoção. 5

Kenneth Goodman

Unidade na leitura - Um modelo psicolingüístico transacional 9

Mark Spoelers & Philip Yde

O comportamento de escritores principiantes na revisão de seus textos - Algumas implicações educacionais 45

Marianne Peronard

De como os alunos entendem os textos 59

Onici Claro Flores

A alfabetização como prática cultural 71

Lauro Dick

De uma leitura de superfície a uma leitura de profundidade - Do cormorão comum ao incomum 91

Harry Huang

O papel da tradução da L1 para a L2 no currículo de escrita em Língua Estrangeira 105

José Marcelino Poersch

Por um nível metapfícito na construção do sentido textual 127

Rüdiger Grotjahn

O Teste-C - de leitura - Uma visão panorâmica 145

CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO/PUCRS

DOUTORADO

Instituto de letras e artes

- Teoria da Literatura
 - Lingüística Aplicada
 - * Credenciado pelo parecer Nº 846/85 do C.E.F. de 05/12/85
- Informações: ILA - Fone: (051)339-1511, ramal 3176

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

- História Ibero-Americana
 - História do Brasil
 - Arqueologia
 - * Criado pelo Conselho Universitário em 02/10/86.
- Informações IFCH - Fone: (051)339-1511, ramal 3295

Faculdade de Odontologia

- Estomatologia Clínica
 - * Criado pelo Conselho Universitário em 10/12/87.
- Informações: FO - Fone: (051)339-1511, ramal 3123

Faculdade de Medicina

- Medicina
 - * Criado pelo Conselho Universitário em 10/12/87.
- Informações: FMED - Fone: (051)339-1511, ramal 2662

Faculdade de Educação

- Educação
 - * Criado pelo Conselho Universitário em 10/12/87.
- Informações: FED - Fone: (051)339-1511, ramais 3220 e 3235

Instituto de Biociências

- Zoologia
 - * Criado pelo conselho Universitário em 19/09/91.
- Informações: IBIO - Fone: (051)339-1511, ramal 3148

APRESENTAÇÃO

O conhecimento do código escrito como fator de promoção

José Marcelino Poersh
Centro de Pesquisas Lingüísticas

Um dos papéis fundamentais da escola é tornar o educando competente tanto na produção quanto na recepção de textos escritos na medida em que saber ler e saber expressar-se bem através da escrita são capacidades essenciais para o bom desempenho escolar. A correlação entre maturidade lingüística - verificada na escrita - e o desempenho escolar foi estudada, com detalhes, em pesquisa por nós empreendida e relatada no 5º Congresso Internacional de Estudos da Linguagem Infantil, em Budapest, no período de 15 à 20 de julho de 1991. Considerando que a criança chega à escola basicamente para aprender a ler e a escrever, uma vez adquirido o código escrito, ela precisa saber ler para aprender e precisa saber escrever para ser medida em seus conhecimentos. Em outros termos, o domínio do código escrito é fator primordial de promoção escolar.

Quanto melhor o domínio das habilidades de leitura e de escritura, melhor instrumentalizado se encontra o cidadão para penetrar no imenso campo de possibilidades que a vida, a ciência e a cultura lhe oferecem. Parece que a aquisição dessas habilidades se encontra cada vez mais aquém dos padrões ideais. Se a deficiência nesses processos não for sanada em época oportuna, constituir-se-á num dos maiores empecilhos para o progresso na educação técnica e científica. Os centros de pesquisas devem, mais do que nunca, comprometer-se com a investigação das causas do insucesso na aquisição do código escrito; devem empenhar-se em desenvolver investigações que visem não só a favorecer e a facilitar a alfabetização mas, principalmente, a descobrir tecnologias que conscientizem e aperfeiçoem as habilidades e as estratégias envolvidas nesses processos.

A psicolingüística, principalmente aquela caracterizada por uma abordagem cognitiva, tem-se empenhado denodadamente em desvendar a analisar os processos e as estratégias utilizadas pelo utente do código escrito; através de atividades de metacognição, os leitores são conduzidos a se conscientizarem dessas estratégias, a verificarem as relações ou a carta de intenções estabelecidas entre produtor e receptor, a examinarem as variações lingüísticas que possam constituir-se em indicadores de estados de consciência e da intenção do escritor, e a levantar determinadas estruturas do texto capazes de indicar seu maior ou menor grau de dificuldade. Também cabe a essa psicolingüística a incumbência de elaborar e validar medidas de leiturabilidade, medidas de desempenho produtivo e receptivo e medidas de compreensão.

Ao Centro de Pesquisas Lingüísticas da PUCRS, dentro da linha "Produção e recepção do código escrito", compete a tarefa de promover e coordenar as investigações realizadas nessa área. Alguns resultados dessas pesquisas foram levadas ao 3º Congresso Internacional de Psicolingüística Aplicada, realizado em Toronto de 16 a 20 de julho de 1991; outras serão apresentadas no Congresso Mundial de Leitura, a ser realizado em julho de 1991 em Maui (Havaí).

O presente número de *Letras de Hoje* apresenta diversos artigos orientados nessa perspectiva. São relatórios de pesquisas realizadas nesse Centro e/ou apresentados no Congresso de Toronto. Acrescenta-se um artigo teórico remeido especialmente por Keneeth Goodman. Seguem alguns dados sobre os autores que colaboraram neste volume e sobre os artigos publicados.

* KENNETH GOODMAN, docente e investigador da Universidade de Arizona, especialista em leitura, ex-presidente da Associação Internacional de Leitura (IRA), remeteu o artigo "Unidade na leitura - Um modelo psicolingüístico transaccional". Nesse artigo, ele constrói a unidade na leitura a partir de uma visão transaccional dentro da qual os eventos de letramento podem ser abordados segundo o processo pelo qual o escritor produz o texto, segundo as características dos textos, ou conforme o processo pelo qual o leitor constrói o sentido.

* MARK SPOELDERS, docente da Faculdade de Ciências Psicológicas e Educacionais da Universidade de Gent (Bélgica), fundador e presidente (84 a 88) da Associação Belga de Lingüística Aplicada, secretário geral da Associação Internacional de Lingüística Aplicada (AILA), vice-presidente da Associação Internacional de Psicolingüística Aplicada (ISAPL) e editor da revista *Scientia Paedagogica Experimentalis*, juntamente com Philip Yde, da Universidade de Antuérpia, escreveu o artigo "O comportamento de escritores principiantes na revisão de seus textos - Algumas implicações educacionais. Nesse artigo, os autores enfatizam o caráter pluralista do comportamento da revisão em jovens escritores, a noção de pré-texto e a noção de estilo cognitivo.

* MARIANNE PERONARD, docente da Universidade Católica de Valparaíso (Chile) investiga o problema de "Como os alunos entendem os textos". Numa orientação claramente pedagógica, é desenvolvido um experimento para estudar as estratégias na área de compreensão inferencial em leitura. A "estratégia lexical restrita" aparece como a estratégia mais utilizada.

* ONICI CLARO FLÔRES, docente da Faculdade Porto-Alegrense e investigadora do Centro de Pesquisas Lingüísticas da PUCRS, teoriza sobre a "Alfabetização como prática cultural". São localizados alguns construtos teóricos da teoria sócio-interacionista, na tentativa de aclarar conceitos utilizados em determinadas pesquisas na área da alfabetização e de eliciar discussões buscando maior profundidade e coerência de abordagem.

* LAURO DICK, docente do Centro de Comunicação da Universidade do Vale dos Sinos e investigador do Centro de Pesquisas Lingüísticas da PUCRS, em seu artigo "De uma leitura de superfície a uma leitura de profundidade - Do cormorão comum ao incomum", desdobra o conceito de leitura em suas atividades correlatas e fundamenta-o com teorias explicativas; polemiza em torno de interpretações fornecidas por Michael Scott no artigo "Lendo nas entrelinhas".

* HARRY J. HUANG, docente e pesquisador das Faculdades Sêneca (Toronto-Canadá) polemiza em torno da questão "O papel da tradução da L1 para a L2 no currículo de escrita na Língua Estrangeira". O autor tenta elucidar a relação entre escrita e tradução e traz dados empíricos para efetuar afirmações como "a tradução jamais poderá ajudar aprendizes de uma língua a aprender uma outra".

* JOSÉ MARCELINO POERSCH, docente do Departamento de Lingüística e coordenador do Centro de Pesquisas Lingüísticas da PUCRS, no seu artigo "Por um nível metaplcito na construção do sentido textual" pleiteia, ao lado dos níveis de compreensão explícito e implícito, um terceiro nível, o metaplcito. É nesse nível que entram os dados que orientam a maneira como o texto deve ser entendido, com base no contexto situacional. Também é abordado o problema da associação que existe entre o grau de compreensão e o tipo de relação entre as proposições de um texto.

* RÜDIGER GROTHJAHN, docente e pesquisador da Ruhr-Universität Bochum, especialista na didática de línguas estrangeiras, professor de Lingüística Quantitativa e profundo estudioso de testes lingüísticos, em seu artigo "O Teste-C; uma visão panorâmica" dá uma contribuição importante ao polêmico assunto da validade das medidas de compreensão em leitura, particularmente do procedimento CLOZE.

Linguistics & Language Behavior Abstracts

LLBA

Now entering our 26th year (135,000 abstracts to date) of service to linguists and language researchers worldwide. LLBA is available in print and also online from BRS and Dialog.

Linguistics & Language Behavior Abstracts

P.O. Box 22206
San Diego, CA 92192-0206
Phone (619) 695-8803 FAX (619) 695-0416

Fast, economical document delivery available.

UNIDADE NA LEITURA - UM MODELO PSICOLINGÜÍSTICO TRANSACIONAL*

Kenneth S. Goodman
Universidade de Arizona

Resumo

No presente artigo esboçaremos uma teoria unificada da leitura baseada na teoria e pesquisa do passado e do presente numa ampla variedade de áreas. Essa teoria integrará o conhecimento emergente relacionado com o processo de leitura, baseado na premissa de que, não obstante as diferenças de foco e ponto de observação, os fenômenos da leitura são os mesmos para todos os que os estudam. O objetivo é encontrar a unidade que existe na diversidade atual. Essa unidade será construída a partir de uma visão transacional. As transações linguísticas nos eventos de letramento podem ser abordados de três pontos de vista diferentes: 1) o processo pelo qual o escritor produz o texto, 2) as características dos textos, e 3) o processo pelo qual o leitor constrói o sentido.

Abstract

This paper will essay a unified theory of reading based on theory and research from the past and present in a wide range of fields. It will integrate the knowledge that is emerging concerning the reading process, based on the premise, regardless of differences in vantage point and focus, the phenomena of reading are the same for all who study them. The objective is to find the unity that exist in the current diversity. This unity will be built around a transactional view. The linguistic transactions in literacy may be viewed from three vantage points: 1) the process by which the writer produces the text, 2) the characteristics of texts, and 3) the process by which the reader constructs the meaning.

* O original inglês, remetido pelo autor à redação desta revista, foi traduzido por Giselle Mantovani, profª da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e pesquisadora do Centro de Pesquisas Linguísticas da PUCRS.

Neste século, a leitura tem recebido, por parte daqueles preocupados com a educação e a pesquisa educacional, atenção muito maior do que qualquer um dos outros processos lingüísticos. No entanto, até muito recentemente, foi bastante negligenciada pelos estudiosos de outras disciplinas ao abordarem língua e desenvolvimento da linguagem.

O resultado disso é uma tecnologia altamente desenvolvida para a instrução em leitura com uma base teórica muito superficial. Esta Tecnologia tende a isolar a leitura dos outros processos lingüísticos e de seu uso funcional, tratando-se basicamente como um objeto de instrução, algo ensinado na escola.

Houve tentativas periódicas, ao longo deste século, de reunir trabalhos de uma série de disciplinas com a finalidade de criar uma base teórica para a leitura, envolvendo a compreensão do processo de leitura, do desenvolvimento da leitura, e da instrução efetiva. Estes esforços, porém, não têm sido suficientes para superar a inércia instalada na tecnologia instrucional. A leitura é um assunto sério em todos os sentidos, e os testes, cartilhas e práticas instrucionais que compõem a tecnologia são tão institucionalizados que se torna difícil usar os novos conhecimentos disponíveis para mudar a prática instrucional.

Nas últimas duas décadas, houve uma explosão de conhecimentos relacionados com a leitura, especialmente com a compreensão da leitura, em diversas áreas, tais como a psicologia cognitiva, etnografia, lingüística, desenvolvimento da linguagem da criança, inteligência artificial, semiótica, retórica, literatura, filosofia e estudos da mente. O período, contudo, pode mais ser considerado multidisciplinador que interdisciplinador. Há pouca troca entre uma disciplina e outra. Não existem muitas tentativas de relacionar objetivos, questões e interpretações entre uma disciplina e as outras. E há muito pouca consciência, por parte dos estudiosos em cada área, sobre o trabalho já realizado em outras áreas ou sobre o trabalho já realizado em leitura. Isto significa que as tentativas de aplicar os conhecimentos adquiridos em outras áreas à instrução em leitura têm sido gradativas e fragmentadas.

Este artigo esboçará uma teoria unificada da leitura baseada na teoria e pesquisas do passado e do presente em uma grande variedade de áreas. Integrará o conhecimento emergente relacionado com o processo de leitura, baseado na premissa de que, não obstante as diferenças de foco e ponto de observação, os fenômenos de leitura são os mesmos para todos os que os estudam.

Nesta tentativa de teoria unificada e integrada, foi necessário fazer a escolha de não abordar tudo o que todos estão desenvolvendo no momento. O objetivo é encontrar a unidade que existe na diversidade atual. Essa unidade será construída a partir de uma visão transacional.

Muitos autores, dos diversos campos que estudam a leitura, têm-na considerado como um processo interativo; este capítulo considerará a leitura como um processo transacional. Rosenblatt, a partir da visão de Dewey, afirma que tanto o conhecedor quanto o conhecido são modificados no curso do conhecimento.¹ Numa visão transacional, o escritor constrói um texto pelas transações com o texto em desenvolvimento e o significado sendo expresso. O texto é transformado no processo assim como os esquemas do escritor (modos de organização do conhecimento). O leitor também constrói um texto durante a leitura através das transações com o texto publicado, e os esquemas do leitor também são transformados no processo pela assimilação e acomodação, descritas por Piaget.²

Numa visão transacional, a leitura é vista como linguagem escrita receptiva, um dos quatro processos lingüísticos das sociedades alfabetizadas. Nos processos gerativos produtivos (fala e escrita), um texto é gerado (construído) para representar significado. Nos processos receptivos (compreensão oral e leitura), o significado é construído através de transações com o texto e indiretamente através do texto com o escritor. Tanto os processos gerativos como os receptivos são construtivos, ativos e transacionais.

Na filosofia e na lingüística, a teoria dos atos de fala emergiu como uma maneira de considerar a linguagem oral no contexto de seu uso e os papéis e intenções dos participantes³. A contrapartida na língua escrita e o evento da leitura, um evento no qual o escritor e/ou o leitor transacional com e através de um texto em um contexto específico, com intenções específicas. O conceito de evento de leitura torna possível adotar um ponto de vista holístico da língua escrita como a visão holística da língua oral proporcionada pela teoria dos atos de fala.

As transações lingüísticas nos eventos de leitura podem ser abordadas de três pontos de observação diferentes: 1) o processo pelo qual o escritor produz o texto; 2) as características dos textos; e 3) o processo pelo qual o leitor constrói o significado. Este capítulo procurará apreciar o trabalho realizado de cada perspectiva dentro do contexto do evento da leitura como um todo e dentro de uma visão transacional.

1 Louise M. Rosenblatt. *The Reader, the Text, the Poem: The Transactional Theory of the Literary Work*. Carbondale, IL: Southern Illinois University Press, 1981.

2 Jean Piaget. *Psychology and Epistemology* New York: Grossman, 1971.

3 John Searle. *Speech Acts*. New York: Cambridge University Press, 1969.

Embora os processos de língua escrita pareçam variar grandemente, já que são usados na grande variedade de funções e contextos a que servem, a leitura e a escrita são na realidade processos linguísticos unitários. Na geração da linguagem, o pensamento representa uma visão da realidade e é, por sua vez, representado pela linguagem. As limitações do cérebro, a realidade que está sendo representada, os esquemas do falante ou escritor, a sintaxe e o léxico da língua e o contexto social e situacional, todos modelam o processo. Nenhuma dessas limitações pode ser ignorada ou evitada sem que o texto seja reduzido a absurdo. Então só há uma maneira de criar um texto que seja representativo do significado de seu autor. E só há uma maneira de construir sentido a partir de um texto.

Esses processos unitários são flexíveis. Poderão variar com o propósito, com a audiência, a proficiência, a língua, ortografia, mas envolvem universais. Há, assim, diversidade dentro da unidade na leitura e na escrita.

A localização do significado

O significado não é uma característica dos textos. Em vez disso, os textos são construídos pelos autores para serem compreendidos pelos leitores. O significado está no autor e no leitor⁴. O texto tem um potencial de evocar significado, mas não tem significado em si mesmo. A compreensão depende de quão bem o autor constrói o texto e de quão bem o leitor o reconstrói e constrói o significado. Mas o significado não passa entre o autor e o leitor. Ele é representado por um autor em um texto e construído a partir de um texto pelo leitor. Características do autor, do texto e do leitor, todas influenciarão o significado resultante.

⁴ Susan Suliman (Ed.). *The Reader in the Text*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1980.

A linguagem é universal em todas as sociedades humanas. Os atributos humanos chave que tornam a linguagem humana possível são a habilidade de pensar simbolicamente e a necessidade de comunicação altamente complexa que resulta da interdependência humana.

O fato de as sociedades humanas desenvolverem a língua oral por primeiro é uma questão de conveniência. As primeiras funções da linguagem envolvem transações interpessoais imediatas. Contanto que ambas as partes possam ouvir, a língua oral funciona admiravelmente bem para estas funções. Mas as necessidades e funções da linguagem humana eventualmente transcendem os contextos face-a-face à medida que a sociedade se torna mais móvel e complexa. As pessoas eventualmente precisam se comunicar vencendo o tempo e o espaço. Além disso, nossa habilidade de usar e de perceber sistemas simbólicos não se reduz a um único sentido, o da audição. Na verdade, todos os nossos sentidos podem e, realmente, servem como canais de comunicação. A língua escrita é visual, mas a linguagem de sinais dos surdos também o é. Os cegos aprenderam a usar a linguagem tátil. O que é universal entre as pessoas é a necessidade e a habilidade de criar a linguagem. A forma que ela toma depende de suas funções e das características das pessoas que a usam.

Na história da sociedade humana, a língua escrita é criada quando a interdependência se estende além da comunidade primária à medida que o comércio e as estruturas políticas emergem. Também é resultante da expansão da cultura para além da esfera da tradição oral, para preservar essa cultura e passá-la a gerações posteriores. As pessoas que crescem em uma sociedade alfabetizada precisam da linguagem escrita à medida que seus horizontes se estendem além do lar. As funções da língua escrita derivam desses desenvolvimentos sociais e pessoais. A língua escrita se estende além da memória e da comunicação. Formas narrativas e expositivas surgem para servir a novas funções.

Escritores e suas audiências

Os textos tomam forma tanto pela idéia que o autor faz sobre as características de seus leitores quanto pelas próprias características do autor. Isto se aplica tanto a uma lista de compras quanto a uma carta, uma reportagem de jornal ou um romance.

A frase inicial de um diário que é escrito para ser lido só por seu autor, endereçado para um alter ego, "Querido diário", pode pressupor o total conhecimento por parte do leitor de qualquer referência, por mais implícita que seja. Detalhes aparecerão porque se imagina que o diário pode ser relido depois de muito tempo, quando o autor/leitor pode ter esquecido alguns dos eventos. Cartas a familiares e amigos chegados tomarão a forma de conhecimento compartilhado e de experiências compartilhadas. No entanto, à medida que aumenta a distância entre o escritor e o leitor, o escritor precisará ponderar o senso de audiência com o de quanta informação adicional e detalhes devem ser fornecidos.

Outras limitações para o escritor

Em todo ato de escrita, os escritores são limitados por seus próprios valores, seus próprios conceitos, as experiências que tiveram e os esquemas construídos a partir delas. O propósito do texto específico que está sendo construído sempre será influenciado por essas características pessoais do autor, de modo que o texto vai refletir o que o autor é, bem como o que ele está tentando comunicar.

Nos eventos de leitura, há uma espécie de contrato não declarado entre o autor e o leitor⁵. Do ponto de vista do autor, esse "contrato" significa que o leitor querará compreender e tentará fazê-lo. Nenhum texto pode ser construído de forma tão bem sucedida que possa ser compreendido sem que o leitor ativamente tente extrair sentido dele. O autor pode criar apenas um potencial para a compreensão, fazendo uso efetivo das formas e estruturas da língua escrita para expressar idéias articuladas que são apropriadas e compreensíveis para a audiência alvo.

Um texto eficaz é aquele que não somente expressa o significado pretendido pelo autor mas também é compreensível para os outros. Deve ser uma representação por inteiro o significado para se adequar às necessidades, experiências, esquemas e interesses dos leitores. Este é o outro lado do contrato entre autor e leitor. Os leitores esperam que os autores estejam tentando dizer algo sensível de uma maneira perceptível.

A linguagem, incluindo a língua oral, é parte de uma complexa cultura humana. Suas formas e usos são limitadas pelos valores e normas da cultura. A cultura desenvolve formas textuais e limitações pragmáticas. Certas frases,

como "Atenciosamente" ou "Era uma vez", tornam-se partes necessárias de certas formas da língua escrita.

Mas as limitações sociais no léxico e na gramática da língua são muito mais difusas e sutis. Algumas se aplicam tanto à língua oral quanto à escrita. As feministas demonstram, recentemente, o modo como a linguagem incorpora a atitude de supremacia masculina presente na sociedade. Isto encontra várias evidências na linguagem, mas também se constitui num problema para quem, como autor, procura usar referências gerais em terceira pessoa.

Além disso, qualquer texto é em grande parte aquilo que o autor faz dele. O autor está envolvido em uma transação viva com o texto que está sendo criado. Para tornar um texto compreensível, o autor deve criar dentro dos limites do propósito, conteúdo, língua, lógica, estrutura e forma, e dentro do contexto situacional e social. Mas há espaço suficiente dentro desses limites para que o autor desenvolva um estilo e modo de expressão individuais. A maravilha da linguagem humana é que ela se torna um servo flexível da expressão e não uma camisa de força.

A escrita como um processo lingüístico gerativo tem muito em comum com a fala. Em ambas, é composto um texto adequado à situação, à intenção e à audiência. No entanto, a fala normalmente envolve um feedback oral do ouvinte ou algum tipo de resposta visual. A linguagem oral é mais recursiva e cíclica à medida que são introduzidos e reintroduzidos alguns pontos para discussão e desenvolvimento posteriores. Sua dimensão principal é o tempo — a seqüência em que é pronunciada.

As características da língua escrita brotam de suas funções e propósitos e de seu uso de um meio bidimensional e de um método de entrada (input) visual. Os escritores aprendem a usar as potencialidades do meio e a trabalhar dentro de suas limitações. Eles fazem uso do fato de que textos podem ser construídos de forma a serem mais ou menos duráveis, dependendo do propósito e dos materiais usados. E fazem uso do fato de que podem ser revisados, reconstruídos e retocados antes de chegarem à audiência a que se destinam. Aprender a expressar o pensamento através da escrita envolve o desenvolvimento do controle sobre as formas mais adequadas para os propósitos específicos da língua escrita.

5 H.P. Grice. "Logic and Conversation", in *Syntax and Semantics*, vol. 3. *Speech Acts*. Peter Cole and Jerry L. Morgan (Eds.). New York: Academic Press, 1975.

Características dos textos

O texto, como Halliday e Hasan o definiram, é a "unidade básica de significado na linguagem"⁶. Não é meramente um conjunto de frases bem formadas compostas de palavras e morfemas. Um texto deve ter uma unidade; e deve representar compreensivelmente uma mensagem coerente e coesa.

Características físicas

O texto deve ser suficientemente bem formado para que a comunicação possa ocorrer sem qualquer contato direto entre o leitor e o autor. Esta limitação interage com as limitações físicas do texto escrito que resultam de suas características como um meio bidimensional mais ou menos permanente que deve ser visualmente perceptível.

Ortografia

Como uma língua escrita dada usa seu espaço bidimensional é uma questão arbitrária, assim como qual o lado da rua em que uma sociedade decide dirigir é arbitrário. Embora algumas formas de escrita pictográfica tenham aparentemente usado o espaço de maneira não linear, a maioria das escritas é linear; isto é, usa tanto linhas horizontais como verticais (ou ambas) que seguem padrões de direção. Historicamente, todo padrão possível parece ter sido usado: esquerda para a direita, direita para a esquerda, ou alternando direções em linhas horizontais e linhas verticais de cima para baixo e de baixo para cima.

O japonês moderno usa a escrita vertical tradicional e uma alternativa horizontal. O hebraico vai de direita para a esquerda, mas os números são escritos da esquerda para a direita nos mesmos textos. As características da ortografia também variam dentro dos limites que pedem que ela seja tanto produtível quanto visualmente perceptível. Deve servir tanto ao escritor quanto ao leitor.

Todas as ortografias, em última instância, representam significado, mas algumas são projetadas para se relacionar com a língua oral também. Uma

⁶ Michael A.K. Halliday and Ruqaiya Hasan. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

vez que a língua oral e a língua escrita têm diferentes limitações, originárias das diferenças entre meios, não pode haver uma correspondência um-a-um simples entre os dois sistemas. Contudo, alguns sistemas, como as ortografias alfabéticas e silábicas, são criados de forma a propiciar correspondência mais aproximadas, enquanto que outros, como os sistemas ideográficos, em que os caracteres representam idéias e conceitos, não fazem a menor tentativa de apresentar correspondências.

Os sistemas que representam idéias terão muito mais símbolos que as ortografias alfabéticas ou silábicas, e, assim, fazem da escrita algo mais complexo. Mas os caracteres do chinês são compostos de um repertório de traços, de forma que o chinês não é tão complexo quanto parece.

É comum a crença de que os sistemas alfabéticos são mais fáceis de aprender e usar que os outros sistemas de escrita. Mas se considerarmos o nível de alfabetização no Japão e na China, perceberemos que os sistemas não-alfabéticos parecem servir a seus usuários bastante bem. O Japão usa uma ortografia muito complexa que combina duas formas de caracteres chineses com um sistema de símbolos silábicos. O japonês usa o alfabeto romano livremente para representar empréstimos das línguas européias.

A escrita ideográfica tem uma vantagem intrínseca sobre os demais sistemas. Uma vez que essa escrita representa diretamente o significado, os textos ideográficos podem ser compreendidos pelos alfabetizados no sistema, independentemente da língua que eles falem. A matemática usa um sistema ideográfico que se tornou quase universal através das línguas. Qualquer pessoa que conheça o sistema pode compreender $6 + 5 = 11$ ou $2(a-b) = cd$.

Grafia

As línguas que empregam a escrita alfabética só podem ser lidas por aqueles que conhecem a língua. Além disso, se essas línguas permanecessem o mais próximo possível de um princípio alfabético estrito, com relações invariáveis entre as unidades da língua oral e língua escrita, então cada dialato escreveria as palavras de forma diferente; mesmo as diferenças de idioleto (as formas lingüísticas pessoais) apareceriam como diferenças na grafia. Isto equivaleria a dizer que os textos escritos poderiam ser menos compreensíveis se o escritor e o leitor tivessem diferenças fonológicas substanciais. Então, quase todas as línguas convencionam a grafia apesar dos diversos dialetos, porque a língua escrita pretende ser usada além das comunidades dialetais imediatas, em comunidades lingüísticas mais amplas.

Por causa da padronização das grafias, o modo como determinada grafia se relaciona com o como uma palavra é pronunciada se torna variável. Por exemplo, "almond" tem pelo menos quatro pronúncias nos dialetos

americanos: /æmənd/, /æimənd/, /omɹnd/, /olmɹnd/. Para a maioria dos dialetos do inglês, palavras como "right", "light" e "night" têm os elementos "gh" desnecessários. Mas nos dialetos escoceses, o "gh" relaciona-se a um som real: /rikht/.

Além do mais, a fonologia dos dialetos vivos está constantemente evoluindo. Ao longo do tempo, o ajuste entre o som e a grafia acaba por mudar, a menos que as convenções da grafia sejam periodicamente modificadas, uma tarefa não tão fácil de se realizar, mesmo que desejável.

A situação da padronização da grafia dos dialetos não é exclusiva do inglês. Todas as línguas são, na verdade, grupos de dialetos proximamente relacionados, de modo que nenhuma ortografia pode ser um equivalente alfabético perfeito para qualquer dialeto sem ser um péssimo equivalente para os outros. Isto se aplica até mesmo para as novas ortografias criadas para povos pré-alfabetizados.

Além de se comprometer com diferenças dialetais, as grafias convencionais envolvem uma barganha entre como lidarão com características dos sistemas oral e escrito que correspondem mais ou menos entre si e os que não o fazem. As línguas orais envolvem mudanças morfofonêmicas, alterações nos fonemas que ocorrem seguidos por outros em morfemas que se sucedem. Considere-se as palavras relacionadas: "site", "situate", "situation". As grafias convencionais do inglês preservam as alterações derivacionais, embora o /t/ em "site" mude para /c/ em "situate" e o segundo /t/ em "situate" mude para /s/ em "situation". A barganha envolve o sacrifício da consistência fonema-grafema para manter as relações semânticas. Isto é uma vantagem, uma vez que as mesmas regras morfofonêmicas também se aplicam além dos limites da palavra. "Can't you" transforma-se em /kæntʃ/, por exemplo. Compare-se também "education" e "would you", em que, em ambos os casos, o /d/ muda para /j/. A consistência estrita exigiria que uma mesma palavra fosse escrita de forma diferente, dependendo das palavras que a seguissem.

Deste modo, a grafia padronizada é uma característica importante dos textos. Os leitores esperam que uma palavra seja grafada de forma consistente, mas não esperam que todas as palavras de som semelhante sejam grafadas de forma consistente. As convenções da grafia do inglês são complexas, mas não tão inconstantes quanto popularmente se crê. O que aumenta a complexidade são as múltiplas raízes lingüísticas do inglês. Além das raízes germânicas e latinas, há também substanciais influências de outras línguas. Deste modo, tem-se não apenas um, mas vários sistemas de regras de correspondência na ortografia do inglês.

Muitos acreditam que seria mais fácil aprender a ler e escrever em inglês se sua grafia fosse simplificada. Embora seja possível que erros de ortografia diminuíssem com a simplificação da grafia, não há evidências concretas de que o inglês seja mais difícil de compreender ou aprender a ler e escrever por causa de sua complexidade. A maioria dos reformistas da grafia não enfrentou as barganhas necessárias para conseguir a simplicidade de grafia.

grafia não enfrentou as barganhas necessárias para conseguir a simplicidade de grafia.

Além do mais, não há qualquer evidência de que deva haver correspondência escrita entre ortografia e fonologia para que uma língua escrita seja funcional para seus usuários. O árabe e o hebraico vêm servindo seus usuários muito bem há vários séculos com pouca ou nenhuma representação de vogais em suas ortografias.

As pessoas toleram e compreendem textos que são, visualmente, altamente variáveis. Todas as línguas empregam ortografias que incluem formas alternativas de escrita. Há formas em letra minúscula e em letra maiúscula. A maioria tem formas cursiva e de fôrma diferentes. As fontes de tipos variam consideravelmente. Algumas ortografias usam formas diferentes de letras nas posições inicial, medial ou final. A caligrafia individual afasta-se bastante de um modelo de perfeição. Se as pessoas fossem intolerantes com tal variação, a língua escrita seria um meio de comunicação menos útil. Na língua oral, também, os ouvintes são capazes de tolerar uma variação considerável em dialeto, ideoleto e qualidade de voz. É nossa habilidade atribuir valor simbólico a uma grande variedade de traços distintivos e mudar as limitações e valores em contextos diferentes, o que faz tanto o texto oral quanto o escrito funcionarem tão bem quanto o fazem.

Pontuação e outras convenções ortográficas

A língua oral geralmente usa fonemas segmentados como seus blocos de construção simbólicos. Os fonemas são segmentos de uma cadeia fonológica que sucedem uns aos outros no tempo. Mas a língua oral usa um sistema suprasegmental, a intonação, para produzir emissões significativas desses fonemas. Deve haver juncturas, maneiras de saber onde termina uma unidade e onde inicia outra, e padrões variáveis de tom e tonicidade que fornecem os contornos prosódicos que delimitam e diferenciam os padrões sintáticos.

A língua escrita usa a pontuação, assim como o espaçamento entre as palavras, espaçamento maior entre as sentenças e a estruturação especial dos parágrafos para atingir o mesmo propósito.

Um falante pode transformar qualquer frase afirmativa em inglês numa pergunta usando um padrão de intonação diferente: "O livro foi perdido." "O livro foi perdido?" Além dessa intonação compulsória que cada evolução requer, padrões opcionais tornam possível a mudança de significado de uma elocução de maneira sutil. Por exemplo, a mudança de tonicidade de uma palavra a outra, na seguinte frase, mudaria seu significado: "Você quer que eu alugue um carro vermelho?"

Mudanças sutis na intonação podem clarear o que seria declarações ambíguas na escrita. Isso ocorre porque a pontuação não é um sistema tão completo e flexível para criar os padrões da língua escrita. Uma frase escrita em inglês inicia com letra maiúscula e termina com um ponto final, ponto de exclamação ou de interrogação. Isto, no entanto, não tem nada correspondente ao delineamento da intonação da frase oral que a marca como uma afirmação, interrogação ou ordem do início ao fim. O inglês escrito emprega uma variedade de meios como sublinhas, negrito, itálico e letras maiores para indicar onde há uma tonicidade especial no texto. Nenhum desses recursos funciona tão bem quanto a intonação na língua oral.

Somente o ponto de exclamação na língua escrita dá alguma indicação do estado emocional do escritor. Um ouvinte capta todos os tipos de sinais dos sentimentos, humores e intenções do falante pelo tom de voz, expressões faciais e movimentos do corpo, além da intonação, volume e velocidade da evolução. Um aluno de terceira série deu-se conta desse problema na escrita quando escrevia sobre seu cachorro que foi atropelado. Então ele inventou seu próprio ponto de "tristemoção" para ser usado após as frases⁷.

Pelo fato de a pontuação vir no final das elocuições em inglês, serve como meio de confirmar o que o leitor já havia entendido, mas não funciona como meio de predição, já que todos os tipos de frase iniciam com letra maiúscula. O espanhol coloca pontos de interrogação e exclamação no início e no fim da frase, o que facilita a compreensão.

Esta diferença entre a maneira como o texto oral e o texto escrito marcam padrões é o resultado de diferenças entre as limitações do meio de expressão oral e do escrito. O efeito da diferença é que o texto escrito deve explicitamente representar o que a intonação e o contexto situacional fazem no ato da fala.

A sintaxe da língua escrita também é afetada por essa diferença. A intonação é tão eficiente para dissolver a ambigüidade na co-referência de substantivos, orações subordinadas e outras estruturas complexas do discurso que as frases da língua oral podem ser muito mais compridas, mais complexas e mais digressivas que as do texto escrito. As regras sintáticas não são diferentes na língua oral e na língua escrita, mas os parâmetros da ortografia exigem um uso diferente das regras para produzir um texto compreensível.

Quando este efeito da ambigüidade maior do texto escrito é combinada com o aprimoramento e editoração possíveis e comuns na preparação de textos escritos, o resultado é que os textos escritos empregam estilos e tendem a usar padrões sintáticos notavelmente diferentes dos usados nos textos orais.

Aprender a escrever textos compreensíveis envolve aprender a usar esses estilos e seqüências sintáticas particulares da língua escrita, e uma característica comum dos textos produzidos por escritores inexperientes é o uso de estilos e padrões que funcionam melhor na língua oral.

Convenções de tipologia textual

Algumas das convenções de estruturação que regulam os textos são intrínsecas à função e ao conteúdo de determinado tipo de texto, mas algumas são convenções sociais arbitrárias. As convenções textuais podem ser gerais, aplicáveis a todos os tipos de texto, ou muito específicas, aplicáveis a um único tipo de texto, como o quadro de horários de uma companhia aérea, uma receita culinária, bibliografia, guias de TV, e assim por diante.

Um exemplo de convenções gerais de estruturação é a colocação de margens no alto, nos lados e ao pé da página. Isso pode ser o resultado da necessidade de espaço para encadernação ou de preferências estéticas, ou ambos. A paragrafação é outra convenção da língua escrita. É feita, pelo menos parcialmente, para separar unidades discursivas viáveis, embora haja muita discussão na literatura especializada sobre se o parágrafo é uma unidade definida e definível do discurso em inglês. Editores de jornais e revistas seguem a convenção de que o texto deve ser periodicamente quebrado por espaço branco, e, desse modo, iniciarão novos parágrafos até mesmo no meio de uma longa série de nomes, a fim de proporcionar espaço em branco.

Algumas estruturas textuais são claramente o resultado da natureza do assunto do texto. Receitas, por exemplo, listarão ingredientes de forma tabular. A estrutura em listas é usada para listas de compras, guias telefônicos e semelhantes materiais de referência.

Considere-se um ingresso de teatro como uma forma textual. Sua função e modo de uso limita seu tamanho, estrutura e conteúdo. Normalmente é dividido em duas partes à entrada do teatro. Deste modo, algumas das informações devem aparecer em ambas as partes. Certas informações devem constar para que o usuário do ingresso as leia, mas não são necessárias para aquele que vai receber o ingresso. Algumas abreviaturas podem ser usadas para economizar espaço. A forma altamente convencionalizada do ingresso facilita sua utilidade para freqüentadores habituais, mas pode apresentar dificuldades na localização e compreensão de informações, mesmo as escritas em letras maiores, para alguém que esteja usando pela primeira vez.

Passagens aéreas têm algumas semelhanças com ingresso de teatro, mas novamente a estrutura da informação que devem representar, sua função e modo de utilização restringem-se como texto. Deve haver um cupom separado para cada segmento de voo, então passagens de múltiplas partes são usadas, uniformemente semelhantes entre as companhias aéreas. Informações gerais estão impressas no formulário de passagem, e o resto é acrescentado a mão ou por computador. Novamente, viajantes freqüentes compreendem grande parte da informação da passagem e os agentes de viagem compreendem ainda mais. Um viajante novato normalmente precisará de ajuda para compreender.

7 Yetta M. Goldman. "Letters", Language Arts, 56 (May 1979), 482

As passagens aéreas de hoje são projetadas para serem preenchidas por computador, assim como muitos outros formulários do mundo dos negócios. De fato, o computador tem tido um impacto muito grande na estruturação e formato de textos, assim como a máquina de escrever teve há algum tempo atrás. Até mesmo o formato dos jornais mudou para se adequar às restrições impostas pelos computadores que os geram.

A economia de espaço é uma restrição da maioria dos textos, inclusive romances. Os anúncios classificados dos jornais até se tornaram motivo de humor popular por causa das criativas abreviaturas usadas para limitar o uso do espaço e, desta forma, reduzir o custo. O escritor pressupõe que o leitor será capaz, dentro do contexto limitado, de conhecer o que está sendo representado e atribuir significado aos símbolos.

Como na maioria dos textos, há uma possibilidade de barganha na criação do anúncio. Quanto mais conhecimento pertinente se pressupuser que o leitor tem, mais conciso e compacto pode o texto ser. Contudo, o público alvo é limitado àqueles que têm os esquemas exigidos.

Nas sociedades alfabetizadas modernas, muitas formas textuais evoluíram entre populações especiais em decorrência do compartilhar de grandes quantidades de informações muito específicas. Alguns exemplos comuns são: relatórios de bolsa de valores; guias de teatro, hotéis e restaurantes; cartões; relatórios meteorológicos; e súmulas esportivas.

Enquanto é verdade que a forma que um texto toma segue sua função, também é verdade que as funções são tanto limitadas quanto tiram vantagem das formas. O espaço bidimensional dos textos escritos faz com que sejam admiravelmente adequados à representação tabular de grandes quantidades de informação. Isto significa que a informação não precisa ser lembrada. Os leitores precisam saber apenas onde ir buscar a informação e como usar guias, tabelas ou listas. A função da língua escrita como uma extensão da memória depende grandemente de sua habilidade de representar a informação de um modo consistente, conveniente e recuperável. Isto significa que o papel da memória humana na preservação do conhecimento social foi amplamente superado pelo do texto escrito nas sociedades alfabetizadas.

Limitações não físicas dos textos

Textos escritos freqüentemente são publicados. Editores profissionais e projetistas de texto lutam pela consistência no formato, estilo e aparência geral. Isto significa estabelecer padrões arbitrários em todos os aspectos da produção textual. Esses padrões interagem com as convenções sociais, modelando-as mas também sendo modelados por elas.

As culturas desenvolvem formas de textos que se tornam convencionadas e predizíveis por aqueles que compartilham da cultura. Tais formas podem ser consideradas como tendo grandes gramáticas (estruturas recorrentes e predizíveis).

A macroestrutura de qualquer texto resulta, pelo menos parcialmente, das relações entre a quantidade de informação a ser apresentada, suas estruturas intrínsecas e restrições especiais. O guia telefônico é um exemplo. A forma física da lista é uma função da estrutura da informação que ela representa. Os itens devem conter todas as informações necessárias num formato conciso que economize espaço. Mas também devem ser organizados em seqüência de alguma maneira consistente e lógica, afim de agilizar o acesso à informação desejada. A informação tabular é geralmente organizada por sistemas seqüenciais numéricos, alfabéticos ou cronológicos. Os guias telefônicos têm usado a seqüenciação alfabética por nome pressupondo que os usuários conheçam os nomes e estejam procurando os números. Mais recentemente, os guias telefônicos foram organizados de modo a separar números particulares dos de empresas, subdividir cidades em bairros, e proporcionando mais espaço em branco ao listar cada sobrenome apenas uma vez, seguindo de todos os nomes relativos a ele. O objetivo é, ou pelo menos pretende ser, produzir um texto mais compreensível para sua função e seus usuários. Mas, como em muitos textos, os interesses dos escritores e dos editores nem sempre coincidem com os dos leitores.

Não importa qual aspecto do texto seja usado para servir como critério seqüencial, sempre existe a possibilidade de que certa informação seja difícil de encontrar. Então normalmente se incluem índices em textos de referência.

A macroestrutura de qualquer tipo de texto escrito é, de modo semelhante, modelada pelo mesmo tipo de considerações que exploramos até agora. Uma carta comercial tem um propósito relativamente específico e uma estrutura interna relacionada com seu propósito. A carta deve, clara e concisamente, representar sua mensagem de forma inteligível. No entanto, uma carta que se reduza a uma declaração concisa, que não siga a forma convencional e inclua amenidades previsíveis pode trazer consigo algumas conotações pragmáticas não pretendidas dirigidas ao leitor. Consideremos estas alternativas.

Bronson, eu quero os \$ 50 que você me deve agora! Henry Pope.
3497 Valley Rd.
Portland, AZ

Sr. George Bronson
5749 Sixth St.
Jonesville, PA

Prezado Sr. Bronson

Ao rever nossos registros, encontramos um saldo devedor de \$ 50 em sua conta. Como esta dívida está com data vencida, apreciáramos que V. S^a realizasse o pagamento com a maior brevidade possível. Se V. S^a já enviou o pagamento, queira desconsiderar este lembrete.

Agradecemos sua preferência por nossos serviços.

Atenciosamente,
Henry Pope

Os jornais incluem uma grande variedade de tipos de textos. A seqüência de eventos em uma notícia pareceria servir como base natural ou macroestrutura para a narrativa. No entanto, poucas reportagens seguem uma estrutura tão linear. Os repórteres querem começar a partir de um dado ângulo, algo que prenda a atenção do leitor e forneça um esquema para o seguimento da estória. Eles também estão conscientes a respeito dos hábitos de leitura dos leitores de jornal, que iniciam vários artigos mas raramente os lêem até o fim. Então a informação mais importante deve ser colocada no início da estória, e o restante deve ser ordenado de acordo com sua importância.

Reportagens de notícias têm estrutura e estilo diferentes dos de artigos especiais, colunas ou editoriais; cada um destes desenvolve suas próprias características textuais que servem a seus propósitos e fazem-nos predizíveis aos leitores familiarizados com o gênero. Editores e leitores ficariam surpresos ou indignados se uma reportagem de notícias apresentasse uma opinião ou se um editorial se limitasse aos fatos e não apresentasse um posicionamento crítico. Um artigo especial é usado para desenvolver "interesse humano" e usa recursos estilísticos que seriam inaceitáveis em um editorial. Um colunista renomado luta para conseguir desenvolver um estilo altamente individual para garantir leitores assíduos. Por outro lado, os editores de notícias lutam para conseguir ter um estilo consistente e impessoal de todos os repórteres.

Embora tenham evoluído diferentes formas de convenções para cada tipo de texto, cada vez que enfocamos um tipo específico de texto vemos os mesmos fatores em funcionamento. A forma deve servir de modo eficiente à função e ao propósito tanto dos autores quanto dos escritores. Deve haver uma macroestrutura, ou gramática textual, predizível. O texto deve ser organizado de tal forma que o significado seja representado de modo coerente e coeso. Em textos narrativos e expositivos, os tópicos devem ser estabelecidos e elaborados, regras e convenções retóricas e lingüísticas devem ser observadas. Palavras, orações e estruturas sintáticas devem ser escolhidas dentro de restrições pragmáticas e lingüísticas que produzam um texto compreensível.

A seleção vocabular nos textos

Em cada texto narrativo e expositivo, há dois tipos de palavras muito freqüentes. Algumas são freqüentes porque são palavras funcionais, pronomes e ligações (formas de "ser" e "estar") que a língua exige constantemente. As outras são palavras de conteúdo, que podem ser relativamente incomuns na língua como um todo, mas são freqüentes em um texto em particular por causa de seu assunto específico.

Goodman e Bird estudaram a seleção vocabular de diferentes tipos de texto⁸. Eles descobriram que as vinte e cinco palavras mais freqüentes em cada texto tomam 35 a 40 por cento das palavras usadas (ocorrências). Ao mesmo tempo, mais da metade das palavras diferentes (tipos) em cada texto são usadas apenas uma vez. Numa dissertação de um adulto, 75 por cento das palavras (tipos) ocorrem apenas uma vez. A maioria das palavras freqüentes, que são palavras de conteúdo, são substantivos. Em narrativas, normalmente estas são os nomes dos personagens principais. São as palavras funcionais, pronomes e ligações, mais algumas palavras repetidas, que proporcionam grande parte da coesão textual tanto em textos narrativos como em textos não narrativos.

Em textos não narrativos, as idéias importantes serão representadas por uma variedade de substantivos, de modo que certos substantivos serão usados com a mesma freqüência que os nomes próprios nas narrativas. Isso acontece porque os autores evitam, quando podem, usar uma mesma palavra repetitivamente. É por isso também que os verbos, adjetivos e advérbios não são tão provavelmente repetidos em qualquer texto. Os autores usam uma variedade de termos com relação de referência para obter cadeias coesas. Em uma estória, um personagem vai em direção ao outro na seqüência de abertura. Nenhum dos termos é usado mais que uma vez nessa cadeia: "dirigiu", "aproximou-se", "atravessou".

Para produzir um texto coeso, é necessário usar referências repetidas para os mesmos personagens, conceitos, atributos ou ações chave. Autores de língua inglesa podem evitar a repetição das mesmas palavras de conteúdo, mas não podem evitar a repetição de palavras funcionais, porque a língua oferece apenas poucas palavras para funções comuns. Já que substantivos comuns geralmente exigem determinantes, "o" (os, a, as) é a palavra mais comum em quase todos os textos, representando até 10 por cento de todas as palavras usadas.

Os leitores esperam que os textos apresentem uma seleção vocabular tal que as palavras incomuns sejam definidas por suas co-referências, suas

⁸ Kenneth S. Goodman and Lois Bird. "On the Wording of Texts: A Study of Intra-Text Word Frequency", Occasional Paper No. 6. Tucson, AZ: Program in Language and Literacy, University of Arizona, 1982.

colocações e sua inserção em contextos compostos de palavras isentas de conteúdo e muito freqüentes. A própria língua, assim, auto-controla o uso da freqüência das palavras nos textos. Controles artificiais sobre a freqüência das palavras ironicamente pode tornar os textos menos predizíveis e, portanto, menos compreensíveis aos leitores.

O que emerge em tudo o que foi dito a respeito de textos é o mesmo conceito de diversidade dentro da unidade que foi enfatizada na discussão sobre as transações da língua escrita do ponto de vista do leitor. Os textos são grandemente limitados e, assim mesmo, devem ser variáveis o suficiente e flexíveis o suficiente para servir ao propósito de qualquer autor e possibilitar ao autor a criação de seu estilo pessoal e sua voz única.

A leitura como construção de significado

Embora as teorias sobre a leitura como um processo tenham existido desde os tempos de Huey⁹, tem havido uma tendência no campo da leitura a atuar a partir de premissas sem embasamento teórico e de suposições não testadas. Tem havido uma tendência a considerar a leitura como a decodificação de letras em sons, ou então como a identificação de palavras à medida que elas ocorrem na seqüência. Ambas as visões são essencialmente centradas na palavra. Ambas envolvem uma visão da leitura como entendimento de palavras e de tradução da língua escrita para língua oral antes da compreensão.

Em pesquisas recentes sobre a leitura, tem havido uma tendência a declarar e a examinar a teoria subjacente. Os teóricos diferem radicalmente na medida em que acreditam que as letras e seus traços distintivos são usados na leitura, mas nenhum explorou a visão de que os leitores são totalmente passivos no processo de leitura. Gough enfatiza veementemente o processo linear das formas das letras, mas postula algum tipo de transformação interna de input perceptivo em dados lingüísticos¹⁰.

Adams e Collins vêem o leitor dando entrada a todas as informações das letras e palavras seguidas por um tipo de mediação de processamento cognitivo mais alto, age de cima para baixo e reavalia a informação¹¹.

Os Goodmans e Smith dedicam atenção considerável, em suas publicações, às características do texto, ao papel do autor na criação do texto e as interações e transações entre o leitor e o texto¹².

Tem havido um progresso considerável na compreensão do processo de leitura, mas ainda não se obteve uma integração porque o trabalho não tem sido interdisciplinar. Os pontos de vista adotados para analisar a leitura demonstram as principais preocupações de cada disciplina. A psicologia preocupa-se com a compreensão, análise proposicional e teoria dos esquemas. A inteligência artificial preocupa-se com o que o leitor, usando o computador analogicamente, deve saber e como isso deve ser organizado para compreensão de textos. Na crítica literária, tem havido uma crescente preocupação com o papel do leitor em resposta à literatura. A lingüística tem deixado sua preocupação com a sintaxe e os limites da frase para passar a lingüística textual e a pragmática. Os etnógrafos e sociolingüistas têm enfatizado as funções individuais e sociais da alfabetização.

As diferenças entre os teóricos giram em torno de quanto controle ativo o leitor exerce, quão importantes são as características do leitor, em que medida as características do texto controlam o processo e se o significado está no autor, no texto ou no leitor. Alguns pesquisadores preferem construir micromodelos de aspectos isolados do processo de leitura.

Embora os pesquisadores e teóricos possam abordar o processo de leitura de macro ou micros visões, em última instância ele deve ser visto como construção de significado a partir do texto e, como tal, uma transação com o texto e com o autor. Visões simplistas da leitura, que enfocam aspectos isolados do texto (tais como freqüência de palavras) ou estratégias isoladas (como a decodificação das letras em som) não se enquadram nas pesquisas de maior evidência.

Grande parte das pesquisas converge para a visão de que as transações entre o leitor e as características textuais resultam na construção de significado. Esta visão torna o papel do leitor altamente ativo. Faz com que o leitor traz para o texto seja tão importante quanto o próprio texto na sua compreensão.

Goodman caracterizou a leitura como um jogo psicolingüístico de adivinhação que envolve um processamento de informações por tentativa¹³. Smith enfatiza a redução da incerteza na leitura¹⁴. Spiro, Bruce e Brewer enfatizaram a testagem de hipótese no processo¹⁵.

9 Edmund B. Huey. *The Psychology and Pedagogy of Reading*. New York: Macmillan, 1908.
10 Philip B. Gough. "One Second of Reading", in James F. Kavanagh and Ignatus G. Mattingly (eds), *Language by Ear and by Eye*. Cambridge, MA: MIT Press, 1972.
11 Marilyn J. Adams and Allan M. Collins. "A Schema-Theoretic View of Reading", in Roy O. Freedle (Ed.), *Discourse Processing: Multidisciplinary Perspectives*. Norwood, NJ: Ablex Press, 1979.

12 Kenneth S. Goodman and Yetta M. Goodman. "Reading of American Children Whose Language Is a Stable Rural Dialect of English or a Language Other Than English", Final Report, Project NIE-C00-3-0087. Washington, DC: U.S. Department of Health, Education, and Welfare, National Institute of Education, 1978; Franck Smith, *Understanding Reading*, third ed. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1982.
13 Kenneth S. Goodman. "Reading: A Psycholinguistic Guessing Game", *Journal of the Reading Specialist* (May 1967), 126-135.
14 Smith, *Understanding Reading*.

Todas estas visões enfatizam que a leitura é uma busca pelo significado, é especulativa, seletiva e construtiva. Todos enfatizam a importância das inferências e predições na leitura. Os leitores utilizam uma quantidade mínima da informação textual disponível necessária em comparação com os esquemas lingüísticos e conceituais do leitor existentes para obter o significado.

Textos duplos

Na visão transacional, tanto o conhecedor como o conhecido são transformados no processo do conhecimento. O leitor é transformado à medida que o conhecimento novo é assimilado e acomodado. Tanto os esquemas conceituais do leitor como seus valores são alterados através da compreensão da leitura. Uma vez que o texto impresso parece ser uma realidade que não muda suas propriedades físicas como o resultado de estar sendo lido, como ele pode mudar durante a leitura? A resposta é que o leitor está construindo um texto paralelo intimamente relacionado ao texto impresso. Torna-se um texto diferente para cada leitor. O texto do leitor envolve inferências, referências e co-referências baseadas nos esquemas que o leitor traz para o texto. E é esse texto do leitor que o leitor compreende e no qual se baseará qualquer futura explicação do leitor a respeito do que ele leu.

Desta perspectiva de um texto duplo, é possível ver a importância das características do texto, discutidas acima, no processo de leitura, e ainda compreender que o que realmente importa é como o leitor as percebe e usa.

A ênfase na construção do texto não significa que o leitor esteja se voltando para a construção do texto como um produto final. A atenção do leitor é bastante voltada para o significado. A construção do texto é necessariamente concomitante à construção de significado.

Deste ponto de vista, a qualidade literária do texto continua sendo importante. Grandes obras literárias têm uma profundidade que as faz possíveis de serem compreendidas, construídas, em muitos níveis.

Conta-se que uma vez, quando Robert Frost estava sendo apresentado a uma audiência de estudantes universitários, seu apresentador entrou em muitos detalhes das maravilhosas referências alegóricas de seu poema favorito. Orgulhoso de sua brilhante percepção, ele se voltou para o poeta e disse: "Não é isso, Sr. Frost?", ao que ele respondeu: "Mas também pode ser que seja apenas sobre colher maçãs."

15 Rand J. Spiro, Bertram C. Bruce, and William F. Brewer. *Theoretical Issues in Reading Comprehension*. Hillsdale, NJ: Erlbaum Associates, 1980.

Por que as pessoas lêem

Dentro da amplitude das funções da comunicação através do tempo e do espaço, as pessoas lêem a língua escrita com vários objetivos diferentes. Para entender como a leitura funciona, é necessário entender por que os leitores lêem. Segue abaixo uma tentativa de examinar os maiores objetivos da leitura. Os tipos de leitura não são necessariamente mutuamente excluídos.

Leitura do ambiente. O simples fato de atuar em uma sociedade alfabetizada requer o saber lidar com placas, sinais, avisos ("Não pise na grama") logotipos de lojas e outras maneiras em que a língua escrita aparece no meio ambiente. Em situações internacionais avisos importantes aparecem em várias línguas e/ou num sistema ideográfico, com a finalidade de ser universalmente compreensíveis. Os impressos ambientais não são lidos tanto por escolha como por necessidade, e não é de se admirar que crianças em idade pré-escolar geralmente adquiram a habilidade de extrair sentido dos impressos existentes no ambiente em que vivem sem terem tido qualquer educação formal. Estudos recentes, realizados em vários países, demonstram uma consciência generalizada do material impresso, bem como uma resposta a ele, por parte de crianças em idade pré-escolar, mesmo em culturas pobres¹⁶.

Leitura profissional. Um estudo do Educacional Testing Service mostra que 87 por cento das pessoas bem empregadas nos Estados Unidos lêem uma média de 141,1 minutos durante a jornada de oito horas¹⁷. Somente por esse volume, esta leitura profissional tem que ser o maior objetivo de leitura para muitas pessoas. Inclui uma grande variedade de tipos de texto e varia consideravelmente de uma profissão para outra. É provável que esse tipo de leitura esteja tão integrado à atividade profissional que possa nem ser considerado como leitura per se. Se alguém perguntasse a um funcionário de um escritório "O que você tem lido ultimamente?", é muito improvável que a resposta fosse "Dezesseis comunicações internas, vinte e três cartas, seis relatórios, rascunhos de várias correspondências inacabadas, três conjuntos de instruções para utilização de equipamentos e materiais, oito etiquetas de equipamentos de escritório."

16 Emilia Ferreiro and Ana Teberosky, *Literacy before Schooling*, trans., Karen Goodman Castro, Exeter, NH: Heinemann Educational Books, 1982; Yetta M. Goodman, "The Roots of Literacy", in Malcolm Douglass (Ed.), *44th Yearbook of the Claremont Reading Conference*, Claremont, CA: Claremont Reading Conference, 1980; Marie M. Clay, *Reading: The Pattern of Complex Behavior*, second edition. Auckland, New Zealand: Heinemann Educational Books, 1979.

17 John Bormuth. "Value and Volume of Literacy", *Visible Language*, 12 (Spring 1978), 118-161.

O fato de tal leitura ser tão integrada às responsabilidades profissionais garante que será relativamente repetitiva, que os leitores trarão uma boa dose de conhecimentos relevantes para a leitura e que a motivação para a compreensão será alta. Contudo, por causa da natureza especializada das profissões, os textos podem ser completamente incompreensíveis para quem não estiver familiarizado com o assunto, com as convenções do texto, abreviaturas e acrônimos. De fato, alguns textos são projetados de modo a serem compreendidos apenas por pessoas ligadas à área.

Algumas profissões exigem bastante leitura fora do horário normal de trabalho para que os profissionais possam se manter atualizados.

Leitura para informação. A língua escrita é uma extensão da memória humana, de modo que os textos escritos se transformam em depósitos de informações. Os leitores fazem uso freqüente de textos para obter informações para uso imediato, como números de telefone e programações de TV. Também buscam informações para satisfazer curiosidades de maior extensão ou necessidades pessoais.

Na memória humana, ter informações armazenadas e ter acesso a elas são duas coisas diferentes. Isto também se aplica à língua escrita, embora em escala bem maior. Deste modo, a leitura para informação envolve saber como ter acesso às fontes de informação apropriadas. Este objetivo tornou-se tão importante que os computadores têm sido utilizados para tornar a recuperação de informações mais eficiente e rápida.

Leitura para lazer. O quarto maior objetivo da leitura é ocupar o tempo vago de maneira agradável. É uma colocação bastante simples, já que a maioria das razões estéticas para a leitura vem sob esse título. A questão é que esse tipo de leitura é feito a critério do leitor, para seu próprio prazer e por escolha própria. Naturalmente, o texto pode ser ficção ou não ficção, e é possível também que material informativo, especialmente se relacionado com passatempos e interesses, possa ser lido para lazer.

Na sociedade moderna, há muitas maneiras alternativas de passar o tempo livre, como assistir à televisão, cinema, teatro ou esportes, praticar atividades físicas e jogos, socialização, e assim por diante. Poucas pessoas utilizam todo o seu tempo de lazer em apenas uma dessas atividades.

Leitura ritualística. Certos textos são lidos e relidos por razões ritualísticas. Isso significa que o ato de leitura em si é um ritual e que o propósito não é tanto a compreensão do trecho lido como a realização do rito. A leitura de material religioso, às vezes em línguas desconhecidas, é um exemplo de leitura ritualística. O evento da leitura tem um significado global para o participante a quem o texto não se relaciona da maneira habitual.

Esta variedade de objetivos não contradiz o fato de que a leitura seja um processo unitário. O que demonstra é que, dentro desse processo isolado, o que um leitor compreende em um dado evento de leitura depende muito de seu objetivo primeiro.

Estudantes de modo geral precisam fazer muitas leituras. De certo modo, essa leitura é semelhante à leitura profissional, discutida anteriormen-

te, já que é parte de seu "trabalho" como estudantes. É diferente, porém, no sentido de que não necessariamente brota de um ato funcional, como a leitura profissional faz. Geralmente, a leitura instrucional envolve exercícios que não são diretamente relacionados com qualquer função pessoal da linguagem dos estudantes. Os exercícios, assim como a leitura ritualística, parecem ser um fim em si mesmos.

Boa parte da leitura na escola parece ser informativa. Freqüentemente, porém, a informação não é buscada para satisfazer as necessidades ou curiosidades do aluno, mas para cumprir uma tarefa sem mesmo que o aluno tenha clareza sobre que utilidade terá a informação para ele. Mesmo a leitura de literatura freqüentemente envolve a leitura de textos selecionados pelo professor ou previstos em um currículo fixo. Se o aluno não tem algum tipo de objetivo pessoal a ser lido, a atividade se torna não natural e não é provável que contribua para o desenvolvimento da leitura.

Naturalmente, o que pode fazer a diferença é a sensibilidade do professor com relação aos conhecimentos prévios e interesses dos alunos, a maneira como o professor envolve os alunos no planejamento e seleção, e quão motivados os alunos ficam.

Os professores precisam estar atentos para não se excederem no zelo da promoção da leitura como ato de lazer. As escolas, por sua justificada preocupação com a promoção do hábito da leitura, podem cometer o erro de compará-la a atividades menos favorecidas, como assistir à televisão. Um objetivo mais importante e mais facilmente atingível é tornar os alunos conscientes do prazer que a leitura pode dar, ajudá-los a desenvolver gostos e preferências pessoais e assegurar que os alunos cresçam capazes do exercício de opções inteligentes.

Assim mesmo, a escola dever estar fazendo algumas coisas certo. Todo indicador econômico nos últimos tempos mostra que todos os tipos de leitura, inclusive a leitura para lazer, estão aumentando. A circulação de livros entre 1950 e 1975 nas bibliotecas americanas subiu de 2,47 para 4,36 por pessoa. Livros e panfletos vendidos subiram de 6,8 por pessoa num período de tempo semelhante¹⁸. As sociedades modernas estão se tornando cada vez mais letradas em todos os aspectos.

18 Ibid.

O propósito de um leitor num evento de leitura é amplo.

Dentro desse propósito amplo, o leitor tem intenções com relação àquilo que explicitamente resultará do ato. Assim como as intenções do autor são importantes na criação do texto, as intenções do leitor são importantes na sua compreensão. O contrato metafórico prevê que o leitor está tentando entender o texto. Mas considere-se o efeito da intenção de cada um dos leitores abaixo sobre a compreensão:

Um revisor profissional lendo material a ser impresso.

Um professor lendo o trabalho de um aluno.

Um editor lendo o texto para uma possível publicação.

Um crítico fazendo a resenha do texto.

Um aluno lendo o texto como tarefa escolar.

O mesmo aluno lendo o mesmo texto como fonte de informação para um trabalho final.

Qualquer um dos citados acima lendo o mesmo texto por prazer numa revista que casualmente lhe cai às mãos.

Qualquer um dos citados acima lendo o texto por causa da recomendação de um amigo como algo que "você não pode deixar de ler".

Obviamente, há uma variedade de fatores que podem influenciar o "contrato". O primeiro de todos é o fato de o texto ter sido escolhido pelo próprio leitor ou ter sido indicado por outra pessoa.

Mesmo que com o mesmo objetivo (obter informações, por exemplo), as intenções podem ser diferentes e influenciar bastante a compreensão. Ler um texto de última hora para prestar um exame será diferente de ler o mesmo texto para fazer um trabalho ou para saciar o desejo de saber mais a respeito de algo de grande interesse pessoal.

O mesmo leitor pode extrair diferentes significados de um mesmo texto lido em momentos diferentes com diferentes intenções.

Compreender e a compreensão

A compreensão, em determinado nível, é sempre o produto final de todo ato de leitura. Durante a leitura, o leitor está empenhado na compreensão, isto é, está tentando extrair sentido do texto. A distinção entre compreender como um processo e a compreensão como um produto é importante e útil.

As tentativas de estudar e avaliar a leitura geralmente têm focado a compreensão como produto medido por algum tipo de pós-teste de conhecimentos. Isso pode tomar a forma de questões factuais explícitas, baseadas no texto; de questionamento mais geral; de narrativa informal sobre o que foi lido, imediatamente após a leitura; ou alguma combinação destas formas. Todas elas são limitadas pelo que o leitor está disposto a e é capaz de relatar, bem como pelo que foi realmente compreendido.

Uma vez que compreender é um processo construtivo, no qual os leitores fazem o sentido do texto, ele acontece durante a leitura e continua muito tempo depois, enquanto o leitor reconsidera e reconstrói o que foi compreendido; assim, a compreensão pode ser modificada no curso de sua verificação. O leitor pode mudar o que ele entendeu com base nas questões sobre o texto que parecem dirigir a atenção para respostas e visões específicas.

Análises de maus indícios e procedimentos cloze são meios de se verificar a compreensão à medida que está ocorrendo, durante o ato de leitura. Na análise de maus indícios, a leitura oral com utilização de maus indícios (pontos onde as respostas esperadas ao texto e as observadas não coincidem) é examinada. A extensão com que os maus indícios resultam em um texto com sentido, ou são auto corrigidos, se interrompem o sentido, dá seguras indicações da preocupação do leitor e de sua habilidade em extrair sentido do texto. Goodman e outros já usaram a análise de maus indícios para estudar a compreensão¹⁹.

Nas atividades do tipo cloze, palavras são retiradas do texto e solicita-se que os leitores as forneçam. Um exame da relação entre as respostas dadas e as esperadas também possibilita um vislumbre da habilidade dos leitores de manter um texto com sentido. Tais estudos foram conduzidos por Chapman, por Anderson, por Cambourne e Rousch e por Lindberg²⁰. O procedimento cloze, de certo modo, distorce o texto, mas é uma maneira de se examinar a compreensão durante a leitura silenciosa e mostra padrões admiravelmente semelhantes aos encontrados na análise de maus indícios na leitura oral.

As relações entre compreender e a compreensão não são tão simples e isomórficas. O que alguém sabe após uma leitura é o produto daquilo que

19 Goodman and Goodman. "Reading of American Children Whose Language Is a Stable Rural Dialect of English or a Language other Than English."

20 John Chapman, "The Reader and Text", in John Chapman (Ed.), *The Reader and Text*, London: Heinemann Educational Books, 1981, 1-15; Jonathan Anderson, "The Writer, the Reader, and the Text: Or Writhing and Reeling in Texts", paper presented at the United Kingdom Reading Association, 19th Annual Conference, Newcastle-Upon-Tyne, 1982; Brian Cambourne and Pater Rousch, *A Psycholinguistic Model of the Reading Process As it Relates to Proficient, Average, and Low-Ability Readers*. Wagga Wagga: Riverina College of Advanced Education, 1979; and Margaret Lindberg, "A Descriptive Analysis of the Relationship between Selected Prelinguistic, Linguistic, and Psycholinguistic Measures of Readability", doctoral dissertation, Wayne State University, 1977.

esse alguém sabia antes mais o quão bem ele leu o texto. Assim, compreender efetivamente é essencial para a compreensão efetiva, mas não o suficiente. As correlações entre as medidas de ambos, como relatam os estudos mencionados acima, são moderadas e significativas, mas não altas.

Sistemas de pistas (Indícios)

Os leitores utilizam três sistemas de informação na construção e compreensão de seus textos. Aprender a ler é, pelo menos parcialmente, conseguir o controle sobre esses sistemas e suas interações no contexto de um evento de literatura.

O sistema grafofônico. A ortografia da língua escrita e sua complexa relação com o sistema fonológico e com o sentido que ambos representam já foi aqui discutido. Uma definição de fonética diz que é o conjunto de relações entre a língua oral e a língua escrita na escrita alfabética. Juntos, os sistemas ortográficos, fonológico e fonético compõem um sistema grafofonônico de informações na leitura. Indícios específicos na leitura podem ser visuais ou relacionais e, assim, evocar indícios auditivos.

O sistema sintático. A gramática de uma língua é o sistema através do qual as unidades simbólicas podem representar o sentido. A gramática é em grande parte uma questão de sintaxe, ou estrutura frasal. A língua, de acordo com Chomsky²¹, tem uma estrutura profunda que representa o sentido. Um conjunto de regras transformacionais liga a estrutura à representação oral na superfície, na fala, ou à representação gráfica na superfície, na escrita. Em inglês, a seqüência frasal é a maior característica da sintaxe. Ela cria os padrões que deixam claro, por exemplo, qual substantivo é o sujeito e qual é o objeto. Uma série de morfemas de ligação, afixos, formam um sistema de flexão que também indica pessoa, número e tempo em substantivos e verbos. Um terceiro sistema na gramática inglesa é o pequeno conjunto de palavras funcionais, determinantes, auxiliares, preposições, e assim por diante, que não têm sentido lexical, mas que possibilitam a criação de padrões frasais para expressar virtualmente sentidos ilimitados. Juntas, essas características sintáticas criam o sistema gramatical de uma língua.

Assim como o escritor deve criar um texto gramatical para representar o sentido, o leitor deve usar as características gramaticais do texto para criar um texto gramatical. Um texto não pode ser compreensível sem ser gramatical.

21 Noam Chomsky. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

O sistema semântico. O sistema semântico da língua não é simplesmente um conjunto de palavras definíveis. É todo o sistema através do qual a língua pode representar o sentido social e individual complexo. Como se disse anteriormente, a quantidade de conhecimento comum entre o leitor e o escritor influenciará sobremaneira o modo como o texto é construído e quão efetiva será a compreensão do leitor. Em última instância, a referência e as co-referências devem ser fornecidas pelo leitor em resposta ao texto.

O sentido pragmático é também parte desse sistema. Ele é sempre parcialmente textual e parcialmente contextual. As diferenças sutis entre o direto e o sarcástico, o profano e o profundo, o humorístico e o sério são encontradas em indícios tanto no texto como no contexto do evento de leitura. E os esquemas do leitor devem ser evocados a fim de se alcançar a compreensão pragmática.

A sintaxe possibilita a produção de frases sensíveis e as regras transformacionais da língua geram essas frases. Mas um texto é mais que um conjunto de frases bem formadas. Tem uma unidade; é coerente e coesivo. A coesão de um texto é parte do sistema semântico da língua.

Os leitores utilizam uma seleção de indícios grafofônicos, sintáticos e semânticos. Esses indícios estão dentro do texto e do leitor. Os leitores devem ter esquemas para ortografia, para a sintaxe da língua e para os conceitos pressupostos pelo autor, a fim de selecionar, utilizar e fornecer os indícios apropriados a um texto dado.

Estratégias cognitivas

Os leitores utilizam estratégias cognitivas gerais, tal como a inferência, na leitura. Essas estratégias assumem uma significação particular na construção de sentido nos eventos de leitura.

Iniciação ou reconhecimento da tarefa. A leitura exige uma decisão explícita de ativar as estratégias e esquemas apropriados. Geralmente, isso se relaciona com a cadeia de eventos em específico. Um leitor decide ler o jornal da manhã com a intenção geral de descobrir o que há de novo ou com a intenção específica de buscar uma determinada informação, como o resultado de um jogo. Frequentemente, no entanto, é somente quando o leitor reconhece algo em seu ambiente visual como um texto legível que ele usará uma estratégia de iniciação. Um exemplo é pensar que um vestido tem uma estampa decorativa, e depois se dar conta de que a estampa são palavras em letra cursiva.

Amostragem e seleção. O cérebro humano não é prisioneiro dos sentidos, nem processa tudo o que os sentidos lhe passam. Na leitura, ele procura informação, direcionando os olhos para onde olhar e para que procurar. Ele

faz amostras e seleciona, do ambiente e do input fornecido pelos olhos, somente aquelas informações que serão mais úteis e produtivas. A eficiência em qualquer processo cognitivo exige essa seletividade. De outro modo, os processos do pensamento seriam sobrecarregados com dados irrelevantes. Essa estratégia de amostragem e seleção é um dos aspectos da inteligência humana mais difíceis de simular na inteligência artificial de um computador²². Para seu uso efetivo, depende de tudo o que o leitor sabe de relevante com relação à linguagem, à leitura e ao texto específico.

Inferência. A inferência é uma estratégia geral de adivinhação, com base no que é conhecido, de qual informação é necessária mas não conhecida. Chamar a inferência de adivinhação não a torna aleatória ou mística. Nossos esquemas e estruturas não tornam possível tomar decisões confiáveis, com base em informações parciais, inferindo a informação que falta. Seríamos incapazes de tomar as decisões que precisamos se tivéssemos que ter certeza de todas as informações necessárias como pré-requisitos antes de cada decisão.

Existe algum risco na inferência, uma vez que pode ser uma inferência errada. Mas o risco ao não se fazer inferências é ainda maior. Assim, os leitores especulam ao fazer suas inferências, dependendo de quão confiantes eles são em sua habilidade de compreender um texto dado. O nível de confiança limita a disposição de arriscar, o que, por sua vez, limita o fazer inferências.

A inferência se aplica a todos os aspectos da leitura e a todos os sistemas de indícios: os leitores inferem informações grafofônicas, sintáticas e semânticas. Além disso, inferem informações implícitas e explícitas. O leitor não pode saber em nenhum momento se a informação eventualmente se tornará explícita no texto. Pois dizer que a inferência se limita somente à informação não explícita significaria que ela só poderia ser usada depois que a leitura do texto estivesse completa. Obviamente, a estratégia deve ser aplicada quando necessária durante a leitura. Se a informação inferida se tornar explícita, então o leitor confirma a inferência e aumenta seu nível de confiança na qualidade das inferências que estão sendo feitas.

Predição. O processamento receptivo da linguagem, tanto a leitura quanto a compreensão oral, requer a habilidade de prever e antecipar o que está por vir. Se fosse de outra forma, o processamento seria sempre, em certo sentido, retrospectivo, um colher de informações em algum ponto depois de seus valores terem sido atribuídos. Mas, ao começar um padrão sintático, os leitores devem ter alguma idéia sobre se é uma pergunta, uma declaração ou uma ordem. Eles devem saber desde o início de uma palavra, frase ou oração onde provavelmente vão terminar. A estratégia de predição faz com que o processo flua suavemente à medida que o leitor constrói texto e sentido. As predições são baseadas tanto em informações explícitas como

inferidas, usadas de tal modo que é praticamente improvável que o leitor esteja consciente do que estava explícito e o que foi inferido.

Estratégias cognitivas interagem na leitura de tal modo que os leitores tomam amostras com base em suas predições, e predizem e inferem com base na amostragem que estão fazendo.

A estratégia de predição é bastante facilitada se os textos forem predizíveis para um determinado leitor; de fato, a predizibilidade é provavelmente um conceito mais útil e teoricamente mais lógico que a leiturabilidade ao se considerar a compreensibilidade de um texto dado para um determinado leitor.

Confirmação e desconfirmação. Se a inferência e a predição envolvem riscos e são limitadas pelo nível de confiança do leitor, então é necessário que o leitor faça uma auto-monitoração durante a leitura. O leitor deve estar esperando a consistência das novas informações com relação a inferências, predições e compreensão passadas. A estratégia de confirmação/desconfirmação é o que torna a auto-monitoração possível. O leitor faz especulações, mas sempre estando pronto a acomodar-se a informações não confirmadas. Em geral, a confirmação deve se dar com base na significação do texto que está sendo construído. Especificamente, baseia-se em expectativas alcançadas e não contraditas.

Novamente, há uma interação de estratégia e uma economia de processamento. A mesma informação usada para confirmar decisões passadas é usada para fazer novas inferências e predições. Carrithers e Bever relatam que estudos sobre o movimento dos olhos apóiam a visão da confirmação de hipóteses no uso de dados perceptíveis na leitura²³.

Correção. Não adianta muito saber que algo está errado se não se pode fazer nada para corrigir. Os leitores desenvolvem estratégias de correção para reconstruir o texto e recuperar o sentido.

De modo geral, as estratégias de correção são de dois tipos. Uma é reavaliar a informação já processada e fazer inferências, predições e interpretações alternativas. A outra é voltar ao texto para buscar mais informações.

A correção pode ser quase simultânea com uma decisão original ou pode acontecer num ponto bem distante da decisão original ao longo da leitura. Um exemplo desta última seria dar-se conta posteriormente, ao ler sobre o mistério de um assassinato, que o primeiro suspeito não poderia ter cometido o crime.

Finalização. Assim como uma decisão deliberada inicia a leitura, uma decisão deliberada também a finaliza. A estratégia de finalização é usada de diversas maneiras na leitura. Não ocorre apenas quando o leitor chega ao fim do texto. Os leitores podem finalizar a qualquer momento, em qualquer lugar

22 Roger C. Schank. *Reading and Understanding: Teaching from the Perspective of Artificial Intelligence*. Hillsdale, NJ: Erlbaum Associates, 1982.

23 Coroline Carrithers and Thomas G. Bever. "Eye Movement Patterns Confirm Theories of Language Comprehension", unpublished manuscript, Columbia University, 1982.

ao longo da leitura, por falta de interesse, incapacidade de compreender, aborrecimento, falta de tempo ou uma mudança de circunstância.

Estas estratégias atuam numa busca dinâmica pelo sentido, um esforço de extrair sentido do texto. Embora possam ocorrer a qualquer momento, algumas têm mais tendência a ocorrer em determinados pontos da leitura que outras.

Ciclos do processo de leitura

A leitura envolve uma transação entre o texto impresso e o leitor. Essa transação depende do input visual. Uma vez tomada a decisão de ler, a luz que salta do impresso em direção ao olho é processada óticamente e perceptualmente transformada a fim de que os sistemas ortográfico, sintático e semântico da língua possam ser usados.

À medida que ocorre o processamento perceptual e lingüístico, ele produz a qualidade da informação ótica, uma vez que os olhos são dirigidos pelo cérebro de maneira informada.

Assim, a leitura é um processo psicolingüístico cíclico. O processamento perceptual depende de input ótico. O processamento sintático atua sobre o input perceptual. E o processamento semântico depende do input sintático. Então, de certo modo, os ciclos são seqüências. Mas é uma seqüência como um carrossel, em que um ciclo ótico segue um ciclo semântico, assim como o precede. Além disso, a leitura é orientada para um fim e o fim é sempre o sentido.

Cada ciclo é especulativo e parcial, confundindo-se com o texto. A inferência e a predição tornam possível saltar em direção ao sentido sem completar totalmente os ciclos ótico, perceptivo e sintático. Assim mesmo, o leitor, uma vez que o sentido foi alcançado, tem a sensação de ter visto cada traço gráfico, identificado cada padrão e palavra, determinado cada padrão sintático.

A teoria dos esquemas pode, até certo ponto, explicar este fenômeno. O leitor está continuamente determinando o esquema disponível de nível mais alto e mais abrangente para ir em direção ao sentido, a meta do compreender. As estratégias e regras disponíveis ao leitor servem como um banco de dados para a formação dos esquemas. O uso dos esquemas é sempre especulativo; isto é, um esquema é determinado e é mantido enquanto for útil, mas é rapidamente modificado ou abandonado se for desconfirmado.

A isso Bertlett chama de a volta do esquema sobre si mesmo no processo de seu uso.²⁴ Isso tudo significa que cada ciclo só pode ser compreendido no contexto do processo holístico.

O ciclo ótico. O olho é um instrumento ótico com uma lente como qualquer outra; tem um ângulo de visão, uma distância focal e não funciona no escuro.

Uma vez que o texto escrito é bidimensional e linear, o olho deve varrer o texto. No entanto, ele só fornecerá input visual útil quanto ocorrer uma fixação. Assim, qualquer processo visual poderia ser considerado como uma série de fotografias ou quadros de um filme de cinema. Isto é, poderia, caso o cérebro funcionasse como um álbum de fotografia, o que não acontece. Nós não vemos nosso mundo dividido por topografias circundadas por felpas, mas sim, como diz Neisser, temos a impressão de ver nosso ambiente visual como um todo tridimensional e integrado.²⁵

É fácil demonstrar que apenas um pequeno círculo da página está em foco quando o olho se fixa. Além disso, uma vez que o leitor sabe que a disposição em inglês é horizontalmente linear, o que acontece é que será dada mais atenção à dimensão horizontal do círculo que à vertical, de modo que o texto se torna oval achatado. Mas, na leitura, os esquemas com os quais o cérebro está atuando possibilitam a utilização de informação no campo visual periférico se esta for consistente com as expectativas do leitor.

Kolers resumiu bem o papel da informação visual na leitura²⁶. A leitura começa com ver o texto, mas é aquilo que se faz com o input visual que determina a diferença entre ver e ler.

O ciclo perceptual. Em um famoso estudo, Miller demonstrou que o quanto pode ser lembrado de uma breve exposição visual a um texto depende da habilidade do cérebro de organizar a informação em todos significativos²⁷. "Sete mais ou menos duas" unidades representa a amplitude entre diferentes observadores. Mas se essas unidades são traços gráficos, letras, palavras ou frases mais longas significativas depende de que esquemas o observador pode utilizar para o uso do input visual. Assim, os observadores podem "ver" e lembrar frases inteiras com a mesma facilidade e certeza que podem ver algumas letras aleatoriamente ordenadas.

24 Frederic Bartlett. *Remembering: A Study in Experimental and Social Psychology*. London: Cambridge University Press, 1932.

25 Ulric Neisser. *Cognition and Reality*. San Francisco: Freeman, 1977.

26 Paul Kolers. "Reading Is Only Incidentally Visual", in Kenneth S. Goodman and James Fleming (Eds.), *Psycholinguistic and the Teaching of Reading*. Newark, DE: International Reading Association, 1969.

27 George A. Miller. "The Magic Number Seven Plus or Minus Two: Some Limits on Our Capacity for Processing Information", *Psychological Review*, 63 (March, 1956), 81-92.

Cattell demonstrou o mesmo princípio há quase um século atrás. Ele mostrou que os mesmos traços usados para reconhecer uma letra poderiam ser usados para reconhecer uma palavra²⁸. A percepção realmente depende da seleção de traços altamente significativos e distintivos e da inferência dos todos a que eles se relacionam. Mas não é somente no contexto do todo que os traços são significativos ou distintivos. Narizes, por exemplo, variam consideravelmente de pessoa para pessoa, e ao reconhecer rapidamente uma pessoa nós certamente devemos usar destas distinções. No entanto, seria muito difícil identificar os narizes fora do contexto dos rostos.

Um aspecto da percepção que deve ser compreendido é que aprender aquilo a que não se presta atenção é tão importante quanto aprender aquilo a que se presta atenção. Considere-se um motorista aproximando-se de um cruzamento movimentado. Dar-se conta de que existem informações significativas no campo visual que exigem que o carro seja parado pelo acionamento dos freios depende de atribuir grande significado a um foco relativamente pequeno de luz vermelha e ignorar, como insignificantes, todas as outras luzes. De tal modo, os leitores devem usar suas estratégias de seleção para escolher, entre as informações visuais disponíveis, somente as mais úteis. O leitor não pode armazenar todas as informações, como um computador o faz, e depois escolher aquela que é significativa. Se o leitor tentasse fazê-lo, o sistema se sobrecarregaria e a compreensão se tornaria mais lenta ou completamente destruída.

O ciclo sintático. Para chegar ao sentido, o leitor deve atribuir uma estrutura sintática ao texto. A oração é a unidade mais significativa porque o sentido é representado, na estrutura profunda, com um conjunto de orações que são transformadas nas frases da estrutura superficial, através das regras transformacionais. O leitor deve construir tanto a estrutura da superfície como a profunda para chegar às orações e a suas interrelações e chegar ao sentido. Considere-se essa frase comum em cartilhas de leitura:

Veja Spot correr.

Para extrair sentido disso, o leitor tem que considerá-la como um imperativo. Isso exige a consciência de que a frase inicia com um verbo numa forma simples. Somente tratando-o como um imperativo o leitor pode aplicar a regra que fornece o sujeito da estrutura profunda (você) não presente na representação da superfície:

(Você) veja Spot correr.

Esta frase aparentemente simples tem uma forma complexa verbo-substantivo-verbo, porque é composta de duas orações. A segunda oração é o objeto do verbo "veja":

(Você) veja < Spot correr >

"Spot" é o sujeito da segunda oração, mas o verbo da segunda oração é um infinitivo. A estrutura subjacente da segunda oração é "Spot corre".

(Você) veja < Spot corre > = (Você) veja < Spot correr > = Veja Spot correr

Não há maneira de chegar ao sentido dessa seqüência textual sem passar pela sintaxe. Mas os imperativos são uma parte da língua conhecida até mesmo pelos jovens leitores, que já desenvolveram o esquema para esse tipo de frase.

Essa frase de três palavras é sintaticamente complexa, mas não tão complexa como a maioria das frases encontradas em textos de todos os tipos, inclusive material considerado adequado para uso no ensino da leitura nas séries iniciais.

As estratégias de inferência e predição desempenham importantes papéis no ciclo sintático. O leitor deve ter um padrão sintático dentro do qual ele organizará e atribuirá valor simbólico à informação perceptual. O leitor utiliza os traços e indícios sintáticos do texto para fazer as inferências e predições necessárias. Assim, a informação perceptual é usada para atribuir um padrão sintático, e esse padrão é então usado para atribuir valores à informação perceptual.

Halliday refere-se a esse sistema lingüístico como a léxico gramática, porque as palavras em contexto devem ter tanto referências sintáticas como lexicais, e as duas referências são interdependentes²⁹. Em vez da noção comumente aceita de que uma frase não pode ser compreendida até que as palavras sejam reconhecidas, o fato é que as palavras não podem ser conhecidas até que a estrutura em que elas se encontram não seja determinada.

A determinação das estruturas sintáticas pelos leitores reflete na intonação usada na leitura oral. Frequentemente, os leitores voltarão, na leitura, ao início do parágrafo ou da frase para mudar a intonação após mudar de idéia a respeito do padrão sintático.

O ciclo semântico. A gramática de uma língua existe em grande parte a nível frasal, embora haja algumas regras que sejam interfrasais. Mas o sistema gramatical de uma língua, por mais complexo que seja, consiste de um número relativamente pequeno de regras capazes de gerar um número infinito de frases. As pessoas têm a habilidade de, usando regras sintáticas, produzir frases inéditas que nunca pronunciaram ou ouviram ou leram antes, e ter a certeza de que estas serão consideradas gramaticais pelos outros que conhecem a língua.

O sistema semântico de uma língua é muito mais complexo que o sintático. Deve ser capaz de representar toda uma gama de pensamentos, sentimentos e emoções dos usuários da língua como indivíduos e grupos sociais.

28 James McKeen Cattell. *James McKeen Cattell: Man of Science*, Vol. 1, in A.T. Poffenberger (Ed.), *Psychological Research*. Lancaster, PA: Science Press, 1947, 13-23.

29 Michael A.K. Halliday. *Learning How to Mean: Explorations in the Development of Language*. London: Edward Arnold, 1975.

Enquanto todos os usuários da língua controlam as regras dessa língua (embora possam variar de um dialeto a outro), eles não podem controlar tudo o que a língua pode significar ou a amplitude de extensão do vocabulário, expressões idiomáticas e estilo que os autores de textos usam na representação do sentido. É por isso que seria impossível que alguém compreendesse a totalidade de textos existentes ou possíveis de serem criados em qualquer língua. Escritores e leitores devem compartilhar uma base de conhecimentos e um conjunto de dispositivos semânticos, incluindo estilos especializados, terminologia especial, estruturas textuais especiais e recursos coesivos especiais, a fim de atingir um alto nível de comunicação através do texto escrito.

Os leitores devem ser capazes de aprender através da leitura, no sentido de assimilar novos conhecimentos para estabelecer esquemas, e também no sentido de acomodar os esquemas, e também no sentido de acomodar os esquemas existentes a novos conhecimentos. Mas a habilidade de um leitor em compreender um texto dado é bastante limitada pela bagagem de conceitos e experiências do leitor, e há sérias limitações na quantidade de conhecimentos novos que pode ser obtida a partir da leitura de determinado texto.

O quanto o autor conhece o público alvo e quão bem ele construiu o texto para adequar-se a ele é fator determinante na predizibilidade e compreensão de um texto. Contudo, uma vez que a compreensão é resultado de transações texto-leitor, o que o leitor conhece, quem ele é, que valores o guiam, que objetivos ou interesses ele tem, desempenharão papéis no processo de leitura. Como consequência, o que um leitor compreende a partir de um determinado texto será diferente do que outros leitores compreendem. O sentido, em última instância, é criado pelo leitor.

Um vocabulário extenso é, sem dúvida, uma característica de um leitor capaz de extrair sentido de uma grande variedade de textos. Mas é um erro pensar que exercícios de ampliação de vocabulário possam promover melhorias na compreensão. A língua se aprende no seu contexto de uso. O significado das palavras é construído em relação a conceitos: a língua facilita a aprendizagem, mas é o desenvolvimento conceitual que cria a necessidade da linguagem. Sem isso, as palavras são formas vazias. Então, o vocabulário é construído ao longo do uso da língua, inclusive lendo. É provavelmente mais certo dizer que as pessoas têm um grande vocabulário porque elas lêem bastante que dizer que elas lêem bem porque têm um grande vocabulário.

Ao longo desse capítulo, a ênfase foi dada à leitura como um processo de busca de sentido. É esta busca pelo sentido que preocupa o leitor e unifica o uso de estratégias e ciclos que o processo exige. O sentido é tanto o input quanto o output nesse processo. É por isso que aspectos do processo e seu funcionamento não podem ser isolados da construção de sentido, que é o fim último.

Aprender a ler envolve a unificação do processo, o que se torna mais difícil se a educação o separa em partes.

Não é possível ler sem usar as estratégias e ciclos discutidos anteriormente. Não é possível ler sem engajar-se numa transação com um texto e sem buscar extrair sentido dele. Esses são universais essenciais à leitura em todos os tipos de texto, estilos, línguas, objetivos e ortografias. Os leitores desenvolvem estratégias e esquemas especiais para lidar com tipos diferentes de textos, diferentes objetivos e línguas diferentes com diferentes ortografias.

Romances têm uma macroestrutura diferente da de ensaios ou textos informativos. Assim, os leitores precisam desenvolver uma noção de texto apropriada para cada um, a fim de usar inferências e predições efetivamente. A estrutura frasal do alemão é diferente da do inglês, e os leitores de cada uma dessas línguas determinarão a estrutura sintática apropriada a cada uma delas. O hebraico usa uma ortografia e direcionalidade diferentes das do inglês. Leitores do hebraico terão estratégias óticas e perceptuais para percorrer o texto da direita para a esquerda. Eles terão que inferir as vogais com base nas informações ortográficas, sintáticas e semânticas, já que as vogais não são explicitamente representadas como nas línguas que utilizam o alfabeto romano. Tudo isso requer flexibilidade e variabilidade dentro de um único processo que tem características universais necessárias para extrair sentido de material escrito.

E é para extrair sentido de material escrito que serve a leitura.